



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 2

Mulheres e Agroecologia



Mulheres e agroecologia: estudos de experiências e estratégias de apropriação, divulgação e empoderamento na internet

Women and agroecology: studies of experiences and strategies of appropriation, dissemination and empowerment in the Internet

BARROS, Eliane Aparecida de Almeida.

Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo – Labjor/Unicamp (elianebarros84@gmail.com)

Tema gerador: Mulheres e Agroecologia

Resumo

Este trabalho tem investigado como o Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) usa e se apropria da internet, analisando como se realizam a articulação e divulgação de ideias no espaço virtual, bem como que ações de mobilização e visibilidade são promovidas. A pesquisa também reflete sobre o potencial da Agroecologia nos processos de empoderamento das mulheres, consolidando a afirmação de que “Sem Feminismo não há Agroecologia”. Observamos, dessa forma, o potencial do espaço virtual enquanto um ambiente tanto de troca de experiências entre as mulheres rurais, como de divulgação de seus saberes tradicionais, de suas propostas, lutas e conquistas. Indagamos, ainda, sobre os motivos que as levaram a entrar nesse espaço virtual, seus objetivos e desejos com essas tecnologias, além das dificuldades enfrentadas nesse processo. Como referenciais teórico-metodológicos, aproximamos as epistemologias feministas, a agroecologia e o feminismo camponês, além dos estudos sobre gênero e tecnologias de comunicação.

Palavras-chaves: camponesas; feminismo, novas tecnologias de comunicação

Abstract

This paperwork has investigated how the Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) uses and appropriates the internet, analyzing how the articulation and dissemination of ideas in the virtual space are carried out, as well as which mobilization and visibility actions are promoted. Master's research also reflects on the potential of Agroecology in women's empowerment processes, while at the same time consolidating the claim that “Without Feminism there is no Agroecology.” Besides, we observe the potential of virtual space as an environment for the exchange of experiences among rural women, as well as the dissemination of their traditional knowledge, their experiences and proposals, actions, struggles and achievements. We also inquire about the reasons that led them to enter this virtual space, their goals and desires with these technologies, and the difficulties faced in this process. As theoretical-methodological references, we approach feminist epistemologies, agroecology and peasant feminism, and studies on gender and information and communication technologies.

Keywords: peasant woman; feminism; new communication technologies

Introdução

Como um processo de resistência ao modo de produção convencional capitalista, a Agroecologia vem sendo construída tanto no âmbito acadêmico, como nas práticas de agricultoras e agricultores, movimentos sociais, organizações não-governamentais e demais entidades e associações que atuam nessa área. Trata-se de um novo pa-



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 2

Mulheres e Agroecologia



radigma para o campo, que busca a transformação das relações estabelecidas entre os seres humanos, e desses com a natureza, trazendo a ideia de horizontalidade, de respeito às pessoas (MEDEIROS, 2010). Relações essas de “cuidado, respeito e solidariedade, que incorporam dimensões mais amplas e complexas da vida, incluindo variáveis econômicas, sociais e ambientais, assim como culturais, políticas e éticas da sustentabilidade” (CAPORAL e COSTABEBER apud MEDEIROS, 2010:20). Com esse pensamento, a noção de preservação da Agroecologia contempla tanto recursos físicos quanto humanos, onde o conceito de natureza é indissociável ao de sociedade.

A partir disso, Emma Siliprandi (2015) defende que Agroecologia não cumprirá seus propósitos de ser uma teoria e um modelo para a ação emancipatória do campo se também não se ocupar, teórica e praticamente, no enfrentamento das questões da subordinação das mulheres camponesas. Isso implica colocar na agenda temas como a divisão sexual do trabalho, a autonomia política e econômica das mulheres, entre outros pontos levantados pelas mulheres rurais. Implica, ainda, na construção de estratégias de empoderamento dessas mulheres, visando à criação de espaços em que elas possam discutir, refletir e apontar alternativas para transformação da realidade em que vivem. Em seu livro “Mulheres e Agroecologia – transformando o campo, as florestas e as pessoas”, a autora traz experiências que mostram como os processos de transição agroecológica podem abrir espaços para as mudanças de padrões de gênero. No entanto, para quebrar a lógica do patriarcado, pontua a autora, é preciso que haja um processo de “empoderamento” também político das mulheres, o que vai depender, basicamente, de como elas consigam aparecer (individual e coletivamente) “como sujeitos ativos, nas famílias, nas comunidades, até influenciarem nas instituições públicas, nas políticas, na sociedade” (SILIPRANDI, 2015, p.109).

Desafios esses que estão entre as pautas do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), com reivindicações vinculadas tanto ao campo (acesso à terra, o reconhecimento da profissão da trabalhadora rural, a soberania alimentar dos povos), quanto pautas historicamente trazidas pelo movimento feminista (direitos sociais e previdenciários, fim da divisão sexual do trabalho e de todas as formas de violências contra a mulher, entre outras). Com sedes regionais em 18 estados brasileiros, o movimento reúne agricultoras, pescadoras artesanais, quebradeiras de coco, extrativistas, arrendatárias, meeiras, ribeirinhas, posseiras, boias-frias, sem-terra, acampadas e assentadas, assalariadas rurais e indígenas. Como eixo central, trabalha o empoderamento social, político e econômico das camponesas, debatendo questões como a valorização do conhecimento gerado pelas mulheres rurais e suas práticas. Debate, ainda, como



a Agroecologia – reconhecida não só como nova prática de produção de alimentos, mas como modelo de vida e de desenvolvimento para a sociedade – contribui para a construção de novas relações de respeito no campo.

Considerando as relações estabelecidas entre mulheres camponesas, feminismo e agroecologia, essa pesquisa de mestrado tem analisado o papel desempenhado pelas novas tecnologias de comunicação, mais especificamente pela internet, na articulação de movimentos e organizações de mulheres rurais, representadas aqui pelo Movimento de Mulheres Camponesas (MMC). Para o sociólogo espanhol Manuel Castells (2009), o desenvolvimento da internet como novo meio de comunicação e informação é fundamental para os movimentos sociais contemporâneos, uma vez que esta é a principal via que eles encontram para chegar àquelas pessoas que podem, eventualmente, partilhar os seus valores. Isso porque a difusão da internet, as comunicações *wireless*, os meios de comunicação digital e uma série de ferramentas de software social têm provocado o desenvolvimento de redes horizontais de comunicação interativa, que chegam à sociedade através de pessoas, interesses, valores e grupos sociais não representados pelos sistemas corporativos de poder. À medida que os usuários vão incorporando novas formas de comunicação, explica o sociólogo, constroem seu próprio sistema de comunicação através de SMSs, blogs, vlogs, podcasts, wikis e similares. Dessa forma, defende Castells, a contínua “transformação da tecnologia da comunicação na era digital amplia o alcance de todos os meios de comunicação para todos os domínios da vida social, numa rede que é simultaneamente global e local, genérica e personalizada, num padrão em constante mudança” (CASTELLS, 2013, p. 11).

Dessa forma, se a internet, como pontua o Castells, se configura como um espaço para divulgação de códigos e valores culturais, qual seria o potencial dessa rede virtual para promover o empoderamento social, político e econômico das mulheres rurais? Qual o potencial do espaço virtual para fortalecer as relações entre as mulheres rurais, articuladas em grupos, coletivos e movimentos sociais, além de dar visibilidade a elas enquanto sujeitos-políticos? Há um entendimento (e aproveitamento) da internet, por parte do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), enquanto uma estratégia de comunicação? Responder a essas perguntas têm sido o principal objetivo dessa pesquisa de mestrado.

Metodologia

Como pesquisa de campo, temos acompanhado a elaboração/atualização do blog e das redes sociais utilizadas pelo MMC, observando processos como a escolha dos temas/pautas, bem como a abordagem dada aos assuntos. Além disso, estão sendo



realizadas entrevistas em profundidade com as responsáveis pelo blog/rede social, bem como com outras mulheres que compõem o movimento, sobre temas como Agroecologia, militância feminista e sua relação com a internet, identificando, por exemplo, quais ferramentas virtuais elas utilizam para além do blog e das redes sociais do movimento. O objetivo dessas entrevistas tem sido analisar de que forma essas mulheres constroem a Agroecologia em seus cotidianos, bem como a forma como elas se apropriam da internet, e que mudanças essa relação com a Agroecologia e com essa nova tecnologia de comunicação tem trazido para suas vidas.

Resultados e discussão

A pesquisa, que atualmente se encontra em seu terceiro semestre de execução, tem realizado três leituras dos materiais que estão sendo coletados. Uma primeira leitura busca identificar a relação das mulheres camponesas com as práticas agroecológicas em seus cotidianos. Uma segunda leitura analisa o processo de apropriação da internet por parte dessas mulheres, revelando as estratégias utilizadas por elas, enquanto movimento social, ao ingressarem nesse espaço virtual, bem como as possibilidades que esse ingresso traz. Já uma terceira análise tem como foco perceber as influências que essas tecnologias de comunicação trazem ao cotidiano dessas mulheres, identificando, por exemplo, se colabora para modificar noções de tempo, espaço, fronteiras, sociabilidades e linguagens.

Uma das demandas e propostas já levantadas foi a construção de um novo site para o MMC, buscando mais autonomia em seu uso e manutenção. A ideia é refletir sobre como elas imaginam esse novo site, que demandas do movimento ele poderia atender, entre outros aspectos. Um dos próximos passos será, junto às camponesas do MMC, identificar se seria interessante a elas cursos/oficinas para que elas mesmas possam produzir conteúdos no espaço virtual, seja para os blogs e/ou redes sociais utilizadas pelo movimento, seja para outros espaços que elas se articulem. Ademais, estamos investigando que outras possibilidades essas mulheres enxergam nesse ingresso na internet. E se elas identificarem que “sim” (que seria interessante participar desses cursos), a pesquisa buscará construir, com elas, a partir de suas experiências de vida, um modelo de oficina-curso. Uma perspectiva que implica a participação delas não como objetos de pesquisa, mas como sujeitos sociais e históricos na construção do conhecimento.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 2

Mulheres e Agroecologia



Conclusão

Ao analisar as experiências das mulheres camponesas, a pesquisa pretende, ao final, contribuir com os estudos de gênero e agroecologia, verificando se essa organização em redes sociais e blogs permite às integrantes do MMC novas construções sociais sobre o ser mulher camponesa. E, dessa forma, identificar se essa formação da identidade enquanto mulher/camponesa/trabalhadora rural, e enquanto movimento social, possivelmente potencializado pela utilização das redes virtuais, permite ressignificar espaços antes considerados masculinos no ambiente rural.

Ao propor esse recorte de gênero, espera-se que a pesquisa possa também contribuir com os estudos sobre as novas tecnologias de comunicação, não apenas ampliando as análises sobre a não neutralidade dessas tecnologias, como apontando-as como um tema central, tão significativo quanto a economia, a cultura, a saúde para a construção de um outro paradigma de desenvolvimento sustentável e equilibrado. Afinal, como pontua a ecofeminista Alicia Puleo em seu artigo “Mujeres por un mundo sostenible” (2010), as mulheres têm de pensar sobre quais lugares ocuparão nessa sociedade sustentável do futuro. Se as práticas dos cuidados da casa e das pessoas, até então em suas mãos quase que unicamente, têm que ser assumidas também pelos homens, os novos empregos das tecnologias sustentáveis devem também ser ocupados por elas.

Referências Bibliográficas

CASTELLS, Manuel. La comunicación en la era digital. In: _____. **Comunicación y poder**. Madrid: Alianza Editorial, 2009. p. 87-189.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 272 p.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e Agroecologia** – transformando o campo, as florestas e as pessoas. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015. 352p.

MEDEIROS, Rejane. O combate à violência a partir da auto-organização das mulheres e da agroecologia. In: **Mulheres e agroecologia** - Sistematizações de experiências de mulheres agricultoras. ActionAid Brasil. Grupo de Trabalho Mulheres da ANA (org.). Rio de Janeiro, 2010.

PULEO, Alicia. Mujeres por un mundo sostenible. **Dossiers Feministes**. Castellon de la Plana (Espanha), n. 14, p. 9-19, 2010. Disponível em: <http://www.e-revistas.uji.es/index.php/dossiers/article/view/623>. Acesso em: 17 ago. 2015.